

**Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)**

# **As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano**



Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)

# As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-514-3 DOI 10.22533/at.ed.143190607  1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.  CDD 301
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A Atena editora apresenta o e-book “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências no Desenvolvimento Humano”.

São ao todo noventa e três artigos dispostos em quatro volumes e dez seções.

No volume 1 apresentam-se artigos relacionados as temáticas *Estado e Democracia; Gênero: desigualdade e violência; Identidade e Cultura e Perspectivas teóricas e produção de conhecimento*. As seções descritas possibilitam o acesso a artigos que introduzem o tema central do e-book, através de pesquisas que abordam a formação social brasileira e como é possível identificar os reflexos desta na constituição do Estado, nos espaços de participação social, nas relações de gênero e constituição da identidade e cultura da população.

O volume 2 está organizado em três seções que apresentam relação e continuidade com o primeiro volume, em que são apresentadas pesquisas que trazem como objeto de estudo as políticas de saúde, de educação e de justiça e a relação destas com a perspectiva de cidadania.

Território e desenvolvimento regional: relações com as questões ambientais e culturais, é a seção que apresenta os artigos do volume 3 do e-book. São ao todo 18 artigos que possibilitam ao leitor o acesso a pesquisas realizadas em diferentes regiões do país e que apontam para a relação e especificidades existentes entre território, questões econômicas, estratégias de organização e meio ambiente e como estas acabam por interferir e definir nas questões culturais e desenvolvimento regional. São pesquisas que contribuem para o reconhecimento e democratização do acesso à riqueza da diversidade existente nas diversas regiões do Brasil.

Para finalizar, o volume 4 apresenta 23 artigos. Nestes, os autores elaboram pesquisas relacionadas a questão econômica, e como, as decisões tomadas neste campo refletem na produção de riqueza e nas possibilidades de acesso ao trabalho e renda. As pesquisas apontam também para estratégias identificadas a exemplo da organização de cooperativas, empreendedorismo, uso da tecnologia e a importância das políticas públicas.

As pesquisas apresentadas através dos artigos são de extrema relevância para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais Aplicadas, e contribuem para uma análise mais crítica e fundamentada dos processos formativos e das relações estabelecidas na atual forma de organização social, econômica e política.

Desejamos boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

### ESTADO E DEMOCRACIA

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

A BURGUESIA BRASILEIRA NA CRISE POLÍTICA DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF: UM BALANÇO DA LITERATURA

[Felipe Queiroz](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906071**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 18**

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: QUAIS SENTIDOS DA “NAÇÃO” A CELEBRAR?

[Alexandre Fernandes Corrêa](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906072**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 31**

CONSELHOS GESTORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS: INSTRUMENTOS DE DEMOCRACIA PARTICIPATIVA E CONTROLE SOCIAL NO MUNICÍPIO DE CURITIBA

[Fabiana Marissa Etzel Barddal](#)

[Ricardo Lobato Torres](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906073**

#### **CAPÍTULO 4 ..... 40**

PARTICIPAÇÃO SOCIAL: AS CONTRADIÇÕES EM MEIO A CONJUNTURA ATUAL

[Eliane Fátima Voitena](#)

[Maysa Nuernberg de V. Costa](#)

[Juliana Yuri Kawanishi](#)

[Talyssa Aparecida Stremel Vieira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906074**

### GÊNERO: DESIGUALDADE E VIOLÊNCIA

#### **CAPÍTULO 5 ..... 47**

A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

[Maysa N. de Vasconcellos Costa](#)

[Talyssa Aparecida Stremel Vieira](#)

[Juliana Yuri Kawanishi](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906075**

#### **CAPÍTULO 6 ..... 57**

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA BRASILEIRA

[Natália Schettine Marques](#)

[Milena Cirqueira Temer](#)

[Fernanda Franklin Seixas](#)

[Andréia Almeida Mendes](#)

[Lídia Maria Nazaré Alves](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1431906076**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
FAMÍLIAS MONOPARENTAIS E A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA	
Virginia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1431906077	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
HOMOFOBIA: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO IF BAIANO – CAMPUS ITAPETINGA	
Cátia Brito dos Santos Nunes	
João Diógenes Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1431906078	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>82</b>
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO – BA	
Péricles Sena dos Santos Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.1431906079	
<b>IDENTIDADE E CULTURA</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>91</b>
BALATA, PARAFUSO, ENSINO E INVESTIMENTO: O TRABALHO NO ACERVO AUDIOVISUAL DO INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA EDUCATIVO	
Rafael Fermino Beverari	
DOI 10.22533/at.ed.14319060710	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
DIÁLOGOS: BRASIL, ÁFRICA E O DESAFIO DE SANTCHO: O MACAQUINHO	
Patrícia Aparecida Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Leonardo Gomes de Souza	
Paulo César Risso de Souza	
Janilson Carvalho de Alvarenga Mendes	
Ivete Monteiro de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.14319060711	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>116</b>
DIREITO À CULTURA NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE O NEOLIBERALISMO CULTURAL	
Bárbara Cristina Kruse	
Leonel Brizolla Monastirsky	
DOI 10.22533/at.ed.14319060712	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>125</b>
IDENTIDADE E LUGAR: IMPACTOS DA IMPLANTAÇÃO DE EQUIPAMENTO COMUNITÁRIO DE GRANDE PORTE EM ÁREA HISTÓRICA NA CIDADE DE BAURU-SP	
Lucas do Nascimento Souza	
Tatiana Ribeiro de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.14319060713	

**CAPÍTULO 14 ..... 138**

O SUSTO E A ORDEM: O BARROCO COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DO BRASIL

[Wallace Faustino da Rocha Rodrigues](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060714**

**CAPÍTULO 15 ..... 155**

TERRITÓRIO DA CIDADANIA DO JALAPÃO: RESGATE HISTÓRICO E DESAFIOS

[Maria Antônia Valadares de Souza](#)

[Heber Rogério Grácio](#)

[Airton Cardoso Cançado](#)

[Nayara Silva dos Santos](#)

[Gislâne Barbosa](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060715**

**CAPÍTULO 16 ..... 167**

IMAGEM E PODER: A FABRICAÇÃO DE LUÍS XIV E D. PEDRO II

[Cristiane Aparecida Rodrigues](#)

[Mariana Luana Martins](#)

[Lidiane Hott de Fúcio Borges](#)

[Amanda Dutra Hot](#)

[Germano Moreira Campos](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060716**

**CAPÍTULO 17 ..... 180**

AVALIAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM ARTEFATOS CERÂMICOS ENCONTRADOS EM SANTARÉM: ÁREAS 4A E 4B DO SÍTIO PORTO

[Hudson Romário Melo de Jesus](#)

[Lilian Rebellato](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060717**

**CAPÍTULO 18 ..... 193**

A QUESTÃO URBANA DERIVADA DAS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS EM ARMANDO AUGUSTO DE GODOY: A CIDADE DESEJADA SOBRE A CIDADE QUE SE TEM

[Celina Fernandes Almeida Manso](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060718**

**CAPÍTULO 19 ..... 207**

PORQUE O ESPÍRITO NÃO TEM FORMA, MUITO MENOS COR: O PRECONCEITO RACIAL E A PRESENÇA DE NÃO-NEGROS NA UMBANDA

[Mariana Datria Schulze](#)

[Andrieli do Canto Nunes](#)

[Denise Vieira Taborda](#)

[Isabela Holz](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060719**

**PERSPECTIVAS TEÓRICAS E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

**CAPÍTULO 20 ..... 218**

PROPOSTA ARQUITETÔNICA PARA UM CENTRO DE DANÇA MUNICIPAL EM PALMAS-TO

[Laryssa Aguiar Melo](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14319060720**



<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>232</b>
PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO: GERENCIAR PARA POSSIBILITAR O ACESSO	
Luana de Almeida Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.14319060721	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>244</b>
AQUISIÇÃO DE INFORMAÇÕES CIENTOMÉTRICAS A PARTIR DA WEB DE DADOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
Sandro Rautenberg	
Paulo Ricardo Vивиurka do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.14319060722	
<b>CAPÍTULO 23 .....</b>	<b>261</b>
O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB: O ESTADO DA ARTE DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADOS À ÁREA DE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL	
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
Lucicleide Cândido dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.14319060723	
<b>CAPÍTULO 24 .....</b>	<b>279</b>
REFLETINDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS IMAGENS DE THÉODORE DE BRY E O TEXTO ESCRITO NA OBRA “DUAS VIAGENS AO BRASIL” DE HANS STADEN	
Wallace Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.14319060724	
<b>CAPÍTULO 25 .....</b>	<b>288</b>
UM RECORTE SOBRE O CONCEITO DE CONHECIMENTO: UMA PROPOSTA DE PERPETUAÇÃO DOS ATIVOS INTANGÍVEIS DAS ORGANIZAÇÕES	
José Carlos de Souza	
Rosane Aparecida Moreira	
Roque Kleiber Silva Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.14319060725	
<b>CAPÍTULO 26 .....</b>	<b>296</b>
A MORTE NA FILOSOFIA DE E.M CIORAN: CAMINHOS PARA O NIILISMO	
Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu	
Luédlley Raynner de Souza Lira	
DOI 10.22533/at.ed.14319060726	
<b>CAPÍTULO 27 .....</b>	<b>305</b>
BIBLIOTECÁRIOS DAS FORÇAS ARMADAS: PERFIS E CONCEPÇÕES	
Márcio da Silva Finamor	
DOI 10.22533/at.ed.14319060727	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>321</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>322</b>

## PORQUE O ESPÍRITO NÃO TEM FORMA, MUITO MENOS COR: O PRECONCEITO RACIAL E A PRESENÇA DE NÃO-NEGROS NA UMBANDA

### **Mariana Datria Schulze**

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)  
Joinville - Santa Catarina

### **Andrieli do Canto Nunes**

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)  
Joinville - Santa Catarina

### **Denise Vieira Taborda**

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)  
Joinville - Santa Catarina

### **Isabela Holz**

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)  
Joinville - Santa Catarina

**RESUMO:** O presente trabalho teve como objetivo compreender a vivência de pessoas não-negras pertencentes à doutrina umbandista. Partindo do debate acerca do preconceito racial, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com a aplicação de questionário semiestruturado para 38 adeptos de dois terreiros e registro de diários de campo. A partir da análise de conteúdo dos resultados obtidos, constatou-se que o relacionamento entre os não-negros e negros é respeitoso, que eles se tratam como uma família e não admitem discriminações de qualquer natureza. 77% perceberam influências da cultura africana depois que passaram a frequentar a umbanda. 47,37% às vezes sofre preconceito religioso, sendo que um dos

locais sofre com maior intolerância religiosa do que o outro. Para 44,74%, há relação entre o preconceito religioso e a origem africana da religião. Conclui-se que, apesar da umbanda ter forte influência de aspectos afro-brasileiros e ser pautada no diverso, nela há uma alta presença de adeptos não-negros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Umbanda. Preconceito racial. Não-negros.

BECAUSE THE SPIRIT HAS NO SHAPE,  
MUCH LESS COLOR: RACIAL PREJUDICE  
AND THE PRESENCE OF NON-BLACKS IN  
UMBANDA

**ABSTRATC:** This work had as objective understand the experience of non-black people belonging to Umbandist doctrine. Starting from the debate on racial prejudice, a qualitative research was carried out, with a semi-structured questionnaire application for 38 adepts from two places and field diaries registrations. From the analysis of content, it was found that the relationship between non-blacks and blacks is respectful, that they treat themselves as a family and do not admit of discrimination of any nature. 77% perceived influences of African culture after they began to attend the Umbanda. 47.37% sometimes suffer religious prejudice, and one of the places suffers with greater

religious intolerance than the other. For 44.74%, there is a relation between religious prejudice and the African origin of religion. It is concluded that, although the Umbanda has a strong influence of Afro-Brazilian aspects and is based on the diverse, there is a high presence of non-black adepts.

**KEYWORDS:** Umbanda. Racial prejudice. Non-blacks.

## 1 | APROXIMAÇÕES INICIAIS

Atualmente, a miscigenação é uma marca da sociedade brasileira. Contudo, os casos de discriminação e desigualdade social ainda persistem (SILVA, 2007). No Brasil, grande parte dos conflitos religiosos que ocorrem, envolvem as religiões afro-brasileiras, rodeadas de preconceitos, embora a cultura afrodescendente seja muito rica e de grande importância para a história do país. Willeman e Lima (2010) afirmam que o preconceito racial está aliado ao preconceito religioso, dessa forma atingindo o grupo de afrodescendentes e àqueles que praticam religiões afro-brasileiras. E Prandi (2007, p. 16) diz que essas religiões continuam a sofrer agressões e “forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros independentemente de religião”.

Nas religiões afro-brasileiras é cada vez maior o número de adeptos brancos e de outras etnias. No século XX, um movimento de indivíduos brancos descontentes com o espiritismo kardecista organizou uma “nova” religião, que é a chamada “umbanda branca”. Essa nova religião reorganizou elementos de cultos de origem negra, associou-os a algumas práticas indígenas e a valores morais do catolicismo, tendo como base a doutrina kardecista (ROHDE, 2009). Por esse sincretismo ficou conhecida como “a religião brasileira”, contemplando as três fontes básicas do Brasil mestiço e impondo seu caráter universal e presente em todo o país.

Rohde (2009) traz que a umbanda só foi edificada e legitimada pelos intelectuais da classe média kardecista. Antes disso, existia a primitiva macumba, vista como um culto negro desorganizado. É preocupante essa visão distorcida de uma parcela da população negra e que só leva em conta a relevância de um pequeno grupo de indivíduos brancos para o desenvolvimento da religião. Um dos principais desafios encontrados pelos intelectuais para legitimar a umbanda era a presença de práticas que se assemelhavam a “rituais bárbaros e primitivos da magia negra, designada como quimbanda, significando o oposto da umbanda, a magia branca e pura” (ROHDE, 2009, p. 92). Assim se estabeleceu duas modalidades de culto: a umbanda, trabalhando com as entidades da luz (caboclos, pretos velhos e crianças) e a quimbanda, trabalhando com as entidades das trevas (exus e pombas giras). A umbanda se divide, portanto, em duas linhas: uma de esquerda, a quimbanda, que pode “trabalhar para o mal” e uma linha de direita, voltada para o bem.

As religiões de matriz africana carregam um histórico de desigualdade social, de discriminação e de perseguições religiosas. No Brasil, não foram bem

recebidas pelas camadas dominantes, que consideravam essas religiões primitivas e inferiores. E deste modo continuam sendo vistas com desconfiança pelas pessoas e não são valorizadas e respeitadas como outras religiões aqui presentes. É assim que o preconceito e o racismo em relação às religiões afro-brasileiras se fazem presentes (FERRETTI, 2007). Portanto, compreender como é a vivência de pessoas não-negras na umbanda em Joinville, considerando o preconceito racial, constitui o objetivo da presente pesquisa.

O presente estudo é de abordagem qualitativa e o método utilizado foi o da pesquisa de campo. A técnica de pesquisa para a coleta de dados foi um questionário semiestruturado aplicado em uma amostra de 38 adeptos de duas instituições da umbanda na região de Joinville e um diário de campo. No primeiro local foram aplicados 23 questionários e, no segundo, 15. Foi atribuído um número para cada participante, seguido de uma letra (A ou B) que representa o local que a pessoa frequenta

## 2 | ACHADOS DA INVESTIGAÇÃO

Verificou-se que a maioria dos participantes da pesquisa era do gênero feminino (52,63%). A média de idade nos dois locais pesquisados foi de 35 anos, sendo que o mínimo foi 14 anos e o máximo foi 70 anos.

Em relação à cor da pele, 60,52% das pessoas se consideram brancas, 26,31% pardas, 7,89% negras e 5,26% amarelas (oriental). No que tange à realidade brasileira, 47,7% das pessoas se indicam como brancas, 43,1% como pardos e 7,6% como pretos (IBGE, 2010). Já na região Sul, quase 70% da população se autodeclara branca, enquanto menos de 20% se classifica como parda (INSA, 2010). Nesse sentido, o número de negros participantes da pesquisa foi bem semelhante à realidade nacional, enquanto que a proporção de brancos e pardos foi mais próxima aos dados encontrados na região Sul.

Em 1998, o número de adeptos brancos nas religiões afro-brasileiras já era acentuado. Prandi (1998, p. 20-21) já afirmava que “mais da metade dos fiéis dos cultos afro-brasileiros são brancos (51%). Na vertente umbandista, a proporção de brancos é ainda maior: 56%”. Nota-se então a forte participação de brasileiros brancos na umbanda e que os dados obtidos na pesquisa confirmam essa participação.

As religiões afro-brasileiras como um todo não podem ser caracterizadas como religiões de negros, dada essa forte presença de adeptos de outras etnias. Essa presença, segundo Oro (2002), é devido a uma troca cultural que ocorreu entre diferentes etnias e camadas sociais, resultando em uma aproximação dos não-negros às religiões afro-brasileiras. Na segunda metade do século XX esse encontro realmente se consolidou, momento em que se têm notícias de brancos ocupando a condição de pais e mães de santo. Além do mais, a religião umbandista

é considerada inclusiva, de modo a unir as classes e as etnias, também resultado de uma grande síntese entre as tradições religiosas, posto que diversos grupos étnicos, suas tradições e cultura refletem a miscigenação que compõe o povo brasileiro (JENSEN, 2001).

Quanto ao tempo em que os participantes fazem parte da umbanda, a maioria (47,37%) respondeu que frequenta a religião de 1 a 5 anos; 21,05% há menos de 1 ano e há mais de 15 anos; e 10,53% de 6 a 10 anos. Mais de 90% dos participantes marcaram já terem participado de outras religiões antes da umbanda, sendo que 29 deles mencionaram o catolicismo, 5 protestantes, 4 kardecistas e em menor quantidade apareceu: wicca, paganismo, candomblé e mórmon.

Quase 85% dos participantes relataram não sentir diferença étnico-racial entre os integrantes de sua tenda/terreiro. Daqueles que sentem a diferença, uma pessoa marcou que sente frequentemente, enquanto outras três sempre sentem. O participante 5A respondeu que “há diferenças, porém como em toda a sociedade e em todos os segmentos religiosos”. Daqueles que não sentem diferença foram atribuídas as seguintes justificativas: não há pessoas com cor de pele diferente em sua tenda/terreiro; não há diferença porque todos se tratam com respeito e se consideram iguais; e justificativas pautadas pela religião, conforme exemplifica o participante 13A: “porque o espírito não tem forma, muito menos cor”. O participante 15B escreveu: “Não percebo diferença [quanto] cor da pele, todos são brancos ou amarelos. Quando entrei no terreiro havia uma médium negra que [pela] gravidez se afastou, porém não havia nenhuma distinção, era amada e tratada como [é feito] com todos”.

Sobre o relacionamento entre os integrantes, foi questionado se eles percebiam alguma diferença por conta de motivos étnico-raciais. Apenas o participante 7A disse que sim, pois para ele “muitos não tem coragem de afirmar que pertence a religião fora do terreiro por medo de preconceito”. Essa descrição não se refere diretamente à diferença étnico-racial, mas denuncia que os integrantes sofrem preconceito das pessoas que não frequentam sua religião.

Sendo assim, constata-se que o relacionamento entre os não-negros e negros é respeitoso, que os adeptos se tratam como uma família, possuem o mesmo ideal, se consideram iguais e não admitem discriminações de qualquer natureza, seja de raça/cor, sexo, gênero, orientação sexual, religião ou classe social. Os participantes 9A e 15B trouxeram as raízes africanas da religião como motivo para não haver diferenças no relacionamento entre os adeptos não-negros e negros. Para o 9A, “É incompatível ser racista e umbandista ao mesmo tempo, já que trabalhamos com espíritos de negros e caboclos”. O 15B afirma que “A umbanda tem amor pela cultura africana e suas raízes vêm dos negros, por isso não teria lógica para nós qualquer tipo de discriminação”. A participante 5A ainda refuta a hipótese de que o relacionamento entre adeptos negros e não-negros é diferente do relacionamento entre apenas adeptos negros. Em suas palavras, “Há uma relação harmoniosa entre

o nosso grupo. As divergências, quando existem, não são por conta de motivos étnico-raciais”.

Oro (2002), ao refletir sobre a umbanda no Rio Grande do Sul, grifa a importância da presença simultânea de brancos e negros nos terreiros para a representação negra. Isso porque os primeiros são detentores do capital econômico e os segundos do capital simbólico e religioso (devido à tradição). Só que os atores sociais deste processo não possuem a consciência desses fatos. Afirma ainda que os adeptos da religião costumam afirmar que “o axé não tem cor” em recorrência à diferença étnica presente na religião. Trazendo para a realidade da pesquisa, percebe-se que os integrantes dos terreiros questionados entendem o termo “diferença” como algo discriminatório, sem fazer uma reflexão sobre os papéis que as diferentes etnias presentes na umbanda representam.

O participante 4B, ao responder que não percebe diferença étnico-racial entre os integrantes do seu terreiro justificou: “Não há negros na nossa tenda, infelizmente. Dessa forma, não há diferença”. Todavia, em sua tenda cinco pessoas declararam-se pardas, notando-se que há presença de diferentes etnias. Conclui-se que, para este participante, só há diferença étnico-racial em relação às pessoas negras, o que reverbera o estereótipo do tema que foi estabelecido.

O diferencial do racismo brasileiro é que ele incide sobre a cor da pele, e não sobre a origem racial das pessoas. Para Ribeiro (1995, p. 225), “nessa escala, negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca”. Nesse sentido, Helms (1993 citado por Ferreira, 2002) aponta que a visão do negro determinada pela cultura branca e sua maneira de agir é estereotipada, pois a referência da pessoa negra é uma referência de grupo determinada externamente. Logo, a pessoa submetida a essa visão pensa, sente e comporta-se segundo os padrões idealizados de como uma pessoa negra “deve” agir. Quando os negros integram os grupos de convivência dos brancos, numa relação de proximidade até mesmo familiar, eles passam a serem tidos como brancos (Ribeiro, 1995). Por consequência, a clareza sobre o que é ser negro e sobre o que é ser pardo fica comprometida.

## 2.1 As diferentes trocas culturais

Cerca de 60% dos participantes concordaram que identificam características da cultura africana no seu cotidiano, como música, roupas, alimentos, palavras, após frequentar a umbanda. Segundo Ferretti (2007), a tradição na cultura africana é muito valorizada, de modo que não podem ser abandonadas, assim como as obrigações para com as entidades espirituais. Por essa valorização, muitos negros que se converteram para outras religiões no Brasil, continuam mantendo sua ligação à religião de matriz africana dos antepassados. Dessa forma, mantêm o culto às entidades espirituais afro-brasileiras ou praticam ritos ensinados pelos seus antepassados. Dado este parecer de uma cultura forte e valorizada, a cultura africana

possui aspectos característicos, que o indivíduo ao adentrar em uma religião derivada dessa cultura e desses aspectos, conseqüentemente integra-os de alguma forma no seu dia-a-dia. Essa perspectiva foi adotada por 77% dos participantes (somando aqueles que responderam de forma afirmativa ao questionamento).

Por outro lado, aspectos da cultura africana encontram-se agregadas à cultura brasileira como um todo. Jensen (2001), ao discorrer sobre esse fato, explica que durante a repressão militar no Brasil - nos anos 70 - a classe média branca (principalmente do sudeste) orientou-se para o místico e o oculto. Isso se deu acompanhado da contracultura, em protesto contra a racionalidade ocidental. Dessa forma, a atenção desses indivíduos voltou-se para a Bahia (considerada berço do candomblé). O remanescente autêntico da verdadeira cultura brasileira tornou-se representada pela Bahia, considerando sua ambivalência religiosa e cultural. Mesmo estando tão presente na cultura brasileira, muitas vezes os indivíduos notam isso apenas quando entram em contato direto com algum dos aspectos de origem africana. Como no caso da umbanda, o participante 13A afirmou: “Antes de conhecer a religião, até mesmo algumas músicas de artistas conhecidos como Chimarruts e ORappa, eram simples músicas, depois de conhecer os orixás pude perceber a presença deles nessas músicas”. Para o participante 15B: “Comidas como: acarajé, quiabo, dendê, ervas como quimé, arruda; espada de São Jorge e a música popular brasileira são exemplos de coisas que passei a ver diferente e que são próximas à religião”.

Sendo assim, os conteúdos por trás das palavras dos participantes sobre a presença ou não de elementos culturais de origem africana após entrar para a umbanda versam sobre o estudo, a observação e o aprofundamento da religião como fatores que despertam o conhecimento sobre a cultura africana presente na umbanda; as características da religião estiveram presentes na vida dos participantes, mas começaram a tomar conhecimento depois que entraram em contato com a umbanda; e, contrariando as demais justificativas, há percepção de poucas trocas culturais devido à naturalidade com que a cultura africana é incorporada pela religião.

Uma troca cultural inusitada envolvendo o estudo da religião foi relatada pelo participante 7A: “Nossos guias utilizam muitas palavras em yorùbá, tive que estudar a língua para aprender o que pediam. Estudei, li sobre a cultura africana para entender os preceitos da religião”. O yorùbá é um dos idiomas falados na Nigéria e em alguns outros países da África Ocidental. Ademais, alguns participantes também citaram adereços e as roupas utilizadas nas giras como a cor que identifica um povo ou orixá.

Sobre a naturalidade com que a cultura africana é incorporada pela umbanda, o participante 5A, que é carioca e de origem maranhense, afirmou que cresceu aprendendo a valorizar a sua raça. Dessa forma, estar na umbanda mudou muito pouco o seu entendimento e compreensão sobre a cultura africana. Nessa perspectiva, percebe-se que saber a origem dos participantes poderia fornecer dados mais enriquecedores ao presente estudo.

Dito isso, os participantes foram questionados se acreditavam que a cultura herdada dos colonizadores europeus, sobretudo alemães e italianos, interfere na umbanda em Joinville, comparado a outros municípios que não receberam essa influência. A maioria das pessoas (42,1%) concordou parcialmente com essa questão. Várias pessoas disseram que a colonização europeia interfere negativamente na religião devido à falta de conhecimento das pessoas que julgam sem conhecê-la, à dificuldade de aceitação e um desconforto com relação à doutrina. O participante 14A mencionou que a cultura europeia é muito rígida, forte e dominante. O 17A ainda diz que são “Um povo muito dominador, aí não há espaço para o povo africano [...]”. Contudo, houve participantes que utilizaram a mesma justificativa da falta de conhecimento das pessoas para afirmar que a cultura herdada dos colonizadores não interfere na umbanda, pois não é um fenômeno restrito a eles, isto é, ocorre com as pessoas no geral.

Para além, os participantes 8A e 9A tiveram uma visão bem ampla para justificar a interferência. Segundo o 8A, “Em todo lugar que uma cultura está e às vezes em maior número se vê que há preconceitos de outras”. O 9A diz que “A cultura e padrões sociais e religiosos sempre interferem conforme a religião”. O 22A resume que “A umbanda se caracteriza pela mescla dos princípios religiosos africanos com os da região, sofrendo influência dos costumes regionais [...]”. Exemplificando esses costumes, de acordo com o 15B, “Existem segmentos umbandistas como ‘umbanda omoloco’ que são mais africanistas e tem práticas mais próximas ao candomblé. Em Joinville, a maioria [...] se enquadra nessa categoria, não é o caso do nosso, que tem mais influência católica e espírita”. Fica explícita essa influência quando 2/3 dos participantes do local B mencionaram terem sido católicos.

## **2.2 A relação entre o preconceito religioso e origem africana da religião**

Ao serem questionados sobre a frequência que sofrem preconceito por fazerem parte da umbanda, 47,37% afirmam que às vezes sofrem preconceito, 21,05% frequentemente, 18,42% nunca sofreram preconceito, 10,53% raramente e, por fim, infelizmente 2,63% sempre sofrem preconceito.

Notou-se que os participantes do local A apresentaram maiores problemas com preconceito. O 7A comentou: “Fui apedrejado, e nos dias da gira minha casa é apedrejada. Quando ouço músicas da umbanda chamam a polícia”. Na primeira ida a campo, uma integrante do local A relatou que os vizinhos da tenda jogam pedra nos carros dos fiéis. Disse também que na semana anterior tinham jogado pedra no telhado da tenda e que em 2015 o pai de santo foi acertado por uma pedrada na cabeça.

Há alguns anos o local A situava-se numa área residencial, porém, como as giras faziam barulho e a Prefeitura de Joinville impunha muitas dificuldades para a retirada do alvará de funcionamento resolveram mudar o endereço para Araquari,



município pertencente à microrregião de Joinville. No entanto, mesmo o local sendo situado numa área mais afastada das residências continuou havendo reclamações por parte dos vizinhos. Estes colocam o barulho das giras e o fato de se tratar de uma religião pouco conhecida (e por vezes demonizada) como principais motivos para não aceitarem a localização da tenda. Todavia, essas reclamações tornaram-se símbolo de intolerância religiosa quando os vizinhos começaram a jogar pedras nos carros, na tenda e no próprio pai de santo.

Em contrapartida, o local B situa-se no centro de Joinville e os integrantes têm uma percepção de que há pouco preconceito. Um participante contou que às vezes há culto evangélico no terreno ao lado do terreiro e, certa vez, crianças foram até o muro e começaram a falar ofensas, como “macumbeiros” e “diabo”. Também já aconteceu dos evangélicos se enganarem e acabarem entrando no estacionamento do terreiro. Perguntou-se se há reclamações dos vizinhos (apesar de ser uma área mais comercial) e ele disse que raramente os vizinhos reclamam, apenas quando as giras passam do horário. Sobre a dificuldade de regularização por parte da prefeitura nada foi citado. O terreiro existe há 7 anos e possui alvará de funcionamento.

Alguns participantes dos dois locais justificaram o preconceito pela falta de conhecimentos que as pessoas têm da umbanda, como o 2A: “Pessoas que desconhecem a nossa religião não nos respeitam” e o participante 2B: “Sim, por ser a umbanda mal vista e falada pela boca dos que não conhecem”. Aqueles que não sofrem muito preconceito não expõem abertamente sua prática religiosa, como o participante 9A comentou: “Geralmente apresento minha religião como espiritualista, pois na associação das pessoas, candomblé e umbanda são macumba, coisa do diabo” ou então o participante 14A: “Não passei, porque no meu trabalho procuro não me expor”.

Quanto à relação do preconceito contra a umbanda ser atrelado com a sua origem africana, mais de 60% dos participantes concordam com esta afirmativa. Pode-se perceber essa relação na fala de alguns participantes, o 22A comentou: “A umbanda enquanto religião negra é marginalizada por conta de sua origem”. O participante 1A chegou a afirmar que há preconceito, pois “Já que é uma reza de matriz africana e as pessoas olham e agem mesmo por causa de cor, não por caráter”.

Segundo Jones (1973, p. 75), “a crença e a raça constituem dois pólos do conflito racial”. Grande parte do que parece ser hostilidade baseada em crença, é na verdade um disfarce para sentimentos de ódio racial ou étnico. Trazendo essa afirmativa para a realidade brasileira, infelizmente os negros ainda são vistos com um olhar negativo pela sociedade. Juntamente com os nativos brasileiros, são os que mais sofreram com o preconceito durante a história e ainda sofrem. São vítimas da desigualdade social, da opressão e da discriminação, obtendo assim uma condição socioeconômica desfavorável e sendo alvos de exclusão social (WILLEMAN; LIMA, 2010).

Outros enfatizaram novamente que, além dessa questão de sua origem africana, o preconceito se dá também pela falta de conhecimento. O 4B concorda “Parcialmente, já que muito do preconceito é por não se conhecer a religião e imaginar outras coisas”. Algumas pessoas atribuíram outro sentido, afirmando que o preconceito está mais relacionado com o medo de espíritos ou macumbas (o que também demonstra falta de conhecimento da religião. O participante 14B acredita que: “seja mais pelo o que é divulgado: macumba, trabalhos de amarração, etc. Que não tem nada a ver com a umbanda, mas que é confundido”.

O participante 15B atribuiu mais uma justificativa para o preconceito, além da origem africana: “Também! É um racismo velado. Mas religiões neopentecostais atualmente fazem verdadeiras campanhas para nos prejudicar, e esse é foco do problema”. Mezzomo (2008) fez uma análise das falas dos pastores neopentecostais R.R. Soares e Edir Macedo sobre as religiões afro-brasileiras e espíritas kardecistas. O último chegou a afirmar que sempre “desejou colocar em um livro toda a verdade sobre os orixás, caboclos e os mais diversos guias, que vivem enganando as pessoas e, fazendo delas ‘cavalos’, ‘burrinhos’ ou ‘aparelhos’, sendo que Deus as criou para serem [sua] imagem e semelhança” (MEZZOMO, 2008, p. 12).

Portanto, nota-se que o principal motivo da intolerância religiosa para com a umbanda ocorre por causa de sua origem africana, ou seja, pela questão étnico-racial. Mas não apenas isso, também por ser uma religião ligada ao oculto, aos espíritos e por ser vilipendiada por líderes religiosos, sobretudo, neopentecostais.

### 3 | REFLEXÕES FINAIS

Como visto, a umbanda é uma religião com forte influência de aspectos afro-brasileiros e pautada no diverso. Apesar disso, na região de Joinville, percebeu-se uma alta presença de adeptos não-negros nessa religião. A maioria dos participantes informou que não há diferença no relacionamento entre os adeptos por conta de motivos étnico-raciais, e que a vivência entre os adeptos da religião é respeitosa, que eles se tratam como uma família e que não admitem qualquer tipo de preconceito.

Sobre a questão cultural, pode-se notar que os aspectos da cultura africana presentes na sociedade brasileira só foram percebidos pelos participantes após estes passarem a frequentar a umbanda. Mas também os adeptos trouxeram aspectos da religião para o seu cotidiano e, portanto, aderiram aos costumes afro-brasileiros, ocorrendo trocas culturais.

Ficou denotado o preconceito religioso contra essas pessoas, tanto por parte de familiares, amigos, colegas de trabalho quanto de desconhecidos. Um dado que reitera tal compreensão é de que alguns integrantes que afirmaram não sofrer o preconceito, muitas vezes não falam abertamente de sua religião, justamente para evitar a discriminação.

A religião é um fenômeno sociológico importante para um grande número de pessoas. A psicologia deve, assim, contemplar o aspecto religioso que faz parte da constituição subjetiva, estudando o comportamento humano e social que o circunscreve. É necessário, no entanto, cautela ao se observar esses fenômenos, partindo-se sempre das experiências vivenciadas pelos próprios sujeitos. Nesse sentido, deve-se levar em consideração que o conhecimento científico acaba quando começa o conhecimento religioso e que, a partir desse momento, trata-se de outro campo do saber. Com base em tais considerações, surge a necessidade de que as pesquisas futuras abordem o estigma por fazer parte da umbanda e a dificuldade que os seus membros têm de se afirmarem em outros grupos. A religião, enquanto algo inerente ao ser humano, é uma rica fonte de informações sobre a subjetividade dos sujeitos e seus comportamentos em grupo.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, R. F. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 69-86, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a05.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

FERRETTI, M. M. R. Religião e sociedade: religiões matriz de africana no Brasil, um caso de polícia. **III Jornada Internacional de Políticas Públicas**, São Luiz, p. 28-30, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoE/1720adf032cb29768af6Mundicarmo%20Maria%20Ferretti.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Características da população. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>>. Acesso em: 19 out. 2016.

INSA. Instituto Nacional do Semiárido. **População total residente por cor ou raça**. 2010. Disponível em: <[http://www.insa.gov.br/censosab/index.php?option=com\\_content&view=article&id=100&Itemid=99](http://www.insa.gov.br/censosab/index.php?option=com_content&view=article&id=100&Itemid=99)>. 19 out. 2016.

JENSEN, T. G. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: da desafricanização para a reafricanização. Tradução de Maria Filomena Mecabô. **Revista de Estudos da Religião**, n. 1, p. 1-21, 2001. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2001/p\\_jensen.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_jensen.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

JONES, J. M. **Racismo e preconceito**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

MEZZOMO, F. A. Nós e os outros: proselitismo e intolerância religiosa nas igrejas neopentecostais. **Fênix: revista de história e estudos culturais**, v. 5, n. 1, 2008. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo\\_14\\_Frank\\_Antonio\\_Mezzomo.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo_14_Frank_Antonio_Mezzomo.pdf)>. Acesso em: 29 out. 2016.

ORO, A. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estudos afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 345-384, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n2/a06v24n2.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PRANDI, R. **Um sopro de espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2. ed. São Paulo: FAPESP, 1998. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=853140391X>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, s.l., v. 3, n. 1, p. 15-33, maio 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/108>>. Acesso em: 30 maio 2016.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, C.; VÁSQUEZ, M. A. O Brasil na nova cartografia global da religião. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 13-37, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v34n1/02.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

ROHDE, B. F. Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 77-96, 2009. Disponível em: <[http://revistas.pucsp.br/rever/rv1\\_2009/t\\_rohde.pdf](http://revistas.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf)>. Acesso em: 8 abr. 2016.

SILVA, P. B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**, Porto Alegre, n. 3, p. 489-506, set/dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

WILLEMAN, E. M.; LIMA, G. R. de. O preconceito e a discriminação racial nas religiões de matriz africana no Brasil. **Revista UNIABEU**, Belford Roxo, v. 3, n. 5, p. 70-94, set.-dez., 2010. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/60/120>>. Acesso em: 11 maio 2016.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE** - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arqueologia 180, 182, 191

### C

Cinema 91, 92, 94, 95, 96, 97, 103, 104

Conselhos 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 43

Controle social 46

Cultura 5, 15, 25, 28, 35, 36, 91, 104, 105, 119, 120, 123, 144, 180, 189, 190, 191, 192, 231, 264

### D

Democracia 5, 31, 33, 38

Desigualdade 47, 56

### E

Estado 5, 1, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 24, 26, 32, 33, 34, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 52, 54, 60, 62, 63, 64, 85, 93, 94, 95, 99, 103, 104, 105, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 138, 153, 154, 157, 159, 162, 164, 169, 170, 174, 176, 177, 193, 194, 195, 197, 200, 201, 202, 206, 237, 238, 265, 267, 269, 278, 321

### F

Família 57, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74, 321

### G

Gênero 5, 39, 47, 56, 67, 73, 114

### H

Homofobia 78

### I

Identidade 5, 24, 162, 270, 271

Impeachment 15

Informação 35, 88, 232, 233, 242, 243, 244, 245, 247, 258, 259, 260, 295, 305, 308, 315, 319

## **M**

Morte 137, 296, 301

## **N**

Nação 24, 29, 115, 117, 177

Niilismo 304

## **P**

Pobreza 67

Poder 34, 167, 179

Preconceito racial 207

Produção de conhecimento 261

## **T**

Território 5, 155, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166

## **U**

Umbanda 207, 208, 217

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-514-3



9 788572 475143